

M

E

D

I

T

A

N

D

O



Inteligência Artificial na Casa Espírita

Martha Rios Guimarães

A Inteligência Artificial (IA) é uma tecnologia que vem revolucionando diversos setores da sociedade, tendo entre suas principais características a capacidade de máquinas aprenderem e realizarem tarefas complexas, imitando a inteligência humana.

Mas como podemos incorporar essa tecnologia inovadora na Casa Espírita? Ela pode substituir o ser humano? Por ser um assunto que vem despertando muita curiosidade, resolvi abordá-lo neste espaço.

Para começar, vamos entender melhor a definição de Inteligência Artificial. Resumidamente, trata-se de um campo da ciência da computação que busca desenvolver sistemas capazes de executar tarefas que normalmente exigem inteligência humana.

Na Casa Espírita, a Inteligência Artificial pode servir como uma ferramenta valiosa para facilitar o trabalho dos voluntários. Uma aplicação prática seria a implementação de *chatbots* (1) alimentados por IA para responder, pelo WhatsApp da instituição, perguntas frequentes do público, proporcionando informações instantâneas sobre eventos, horários e atividades da Casa, etc.

Além disso, a IA também pode colaborar com a organização de bibliotecas digitais, facilitando a busca e recuperação de informações relevantes para estudos espíritas. Pode até criar algoritmos de recomendação para sugerir leituras baseadas nos interesses individuais dos frequentadores, promovendo uma experiência mais personalizada.

Claro que a utilização dessa tecnologia vai depender das necessidades de cada Centro Espírita e da existência de uma pessoa que tenha conhecimento necessário para adaptá-la à realidade da instituição.

No entanto, é imprescindível lembrar que a IA é uma ferramenta de apoio e jamais vai substituir a presença e a dedicação dos tarefeiros espíritas. Afinal, a essência da Casa Espírita reside na **interação humana**, na troca de experiências e no desenvolvimento conjunto entre as pessoas que dela participam.

Sendo assim, a Inteligência Artificial pode otimizar processos e fornecer informações rápidas, mas não pode substituir a empatia, o carinho e a compreensão que os voluntários oferecem.

Ou seja, os tarefeiros espíritas desempenham um papel insubstituível na disseminação dos fundamentos da Doutrina Espírita, sendo essenciais para o acolhimento e apoio aos frequentadores

Por mais que a IA possa facilitar tarefas administrativas e forneça informações de modo rápido, a conexão humana é fundamental para transmitir os ensinamentos espíritas de maneira eficiente.

Em resumo, a Inteligência Artificial na Casa Espírita representa uma oportunidade de aprimoramento e modernização, proporcionando eficiência e praticidade. No entanto, ela é um apoio aos tarefeiros, jamais uma substituição.

Mesmo porque a verdadeira essência da Casa Espírita reside na união fraterna e na dedicação humana ao serviço do bem, princípios que nenhum avanço tecnológico pode substituir.

* * *

1-Chatbot é um programa de computador que simula e processa conversas humanas (escritas ou faladas), permitindo que as pessoas interajam com dispositivos digitais como se estivessem se comunicando com uma pessoa real. É utilizada uma interface conversacional que favorece a entrega de uma experiência, um produto ou um serviço ao usuário. Todo o funcionamento pode ocorrer por configurações previamente definidas ou pela inteligência artificial (IA).

* Martha Rios Guimarães é relações públicas e jornalista, com pós graduação em Comunicação, escritora e participa do Centro Espírita Gabriel Ferreira (Z N de São Paulo) e da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo. Contato através deste boletim: meditando.boletim@gmail.com.

FAZEI TUDO O QUE ELE VOS DIS-SER.

Maria (João, 2:5)

Boletim para Divulgação do Espiritismo

Fundado por Geraldo de Oliveira (1911 - 2005).

Redação : Celso de Oliveira
Sergio Pausic

Av. Charles Schneider, 1001 E 34
CEP 12040-000 Taubaté SP

www.meditando.info

[www.facebook.com/
BoletimMeditando](https://www.facebook.com/BoletimMeditando)

meditando.boletim@gmail.com

FEVEREIRO 2024
Número 0336

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Atualmente apenas edição eletrônica.

“Sendo todos os homens filhos de Deus, todos, sem distinção nenhuma, são objeto da mesma solididade.” – Allan Kardec – ESE, cap. 1 - item 3

Grandes Vultos do Espiritismo

JOANNA DE ÂNGELIS—Parte 1

Um espírito que irradia ternura e sabedoria, despertando-nos para a vivência do amor na sua mais elevada expressão, mesmo que, para vivê-lo, seja-nos imposta grande soma de sacrifícios. Trata-se do Espírito que se faz conhecido pelo nome *Joanna de Ângelis*, e que, nas estradas dos séculos, vamos encontrá-la na mansa figura de *Joana de Cusa*, numa discípula de Francisco de Assis, na grandiosa *Sóror Juana Inés de La Cruz* e na intemorata *Joana Angélica de Jesus*.

Conheça agora cada um destes personagens que marcaram a história com o seu exemplo de humildade e heroísmo.

Joana de Cusa

Joana de Cusa, segundo informações de Humberto de Campos, no livro “Boa Nova”, era alguém que possuía verdadeira fé. Narra o autor que: “Entre a multidão que invariavelmente acompanhava JESUS nas pregações do lago, achava-se sempre uma mulher de rara dedicação e nobre caráter, das mais altamente colocadas na sociedade de Cafarnaum. Tratava-se de Joana, consorte de Cusa, intendente de Ântipas, na cidade onde se conjugavam interesses vitais de comerciantes e de pescadores”.

O seu esposo, alto funcionário de Herodes, não lhe compartilhava os anseios de espiritualidade, não tolerando a doutrina daquele Mestre que Joana seguia com acendrado amor. Vergada ao peso das injunções domésticas, angustiada pela incompreensão e intolerância do esposo, buscou ouvir a palavra de conforto de JESUS que, ao invés de convidá-la a engrossar as fileiras dos que O seguiam pelas ruas e estradas da Galiléia, aconselhou-a a seguir-Lo a distância, servido-O dentro do próprio lar, tornando-se um verdadeiro exemplo de pessoa cristã, no atendimento ao próximo mais próximo: seu esposo, a quem deveria servir com amorosa dedicação, sendo fiel a Deus, amando o companheiro do mundo como se fora seu filho.

JESUS traçou-lhe um roteiro de conduta que lhe facultou viver com resignação o resto de sua vida. Mais tarde, tornou-se mãe.

Com o passar do tempo, as atribuições se foram avolumando. O esposo, após uma vida tumultuada e inditosa, faleceu, deixando Joana sem recursos e com o filho para criar. Corajosa, buscou trabalhar. Esquecendo “o conforto da nobreza material, dedicou-se aos filhos de outras mães, ocupou-se com os mais subalternos afazeres domésticos, para que seu filhinho tivesse pão”.

Trabalhou até a velhice. Já idosa, com os cabelos embranquecidos, foi levada ao circo dos martírios, juntamente com o filho moço, para testemunhar o amor por JESUS, o Mestre que havia iluminado a sua vida acenando-lhe com esperanças de um amanhã feliz.

Narra Humberto de Campos, no livro citado: “*Ante o vozerio do povo, foram ordenadas as primeiras flagelações.*

— *Abjura!... – exclama um executor das ordens imperiais, de olhar cruel e sombrio.*

A antiga discípula do Senhor contempla o céu, sem uma palavra de negação ou de queixa. Então o açoite vibra sobre o rapaz seminu, que exclama, entre lágrimas:

— *Repudia a JESUS, minha mãe!... Não vês que nós perdemos?! Abjura!... por mim, que sou teu filho!...*

Pela primeira vez, dos olhos da mártir corre a fonte abundante das lágrimas. As rogativas do filho são espadas de angústia que lhe retalham o coração.

Após recordar sua existência inteira, responde:

— *Cala-te, meu filho! JESUS era puro e não desdenhou o sacrifício. Saibamos sofrer na hora dolorosa, porque, acima de todas as felicidades transitórias do mundo, é preciso ser fiel a DEUS!*

Logo em seguida, as labaredas consomem o seu corpo envelhecido, libertando-a para a companhia do seu Mestre, a quem tão bem soube servir e com quem aprendeu a sublimar o amor.”

Uma Discípula de Francisco de Assis

Séculos depois, Francisco, o “Pobrezinho de Deus”, o “Sol de Assis”, reorganiza o “Exército de Amor do Rei Galileu”, ela também se candidata a viver com ele a simplicidade do Evangelho de Jesus, que a tudo ama e compreende, entoando a canção da fraternidade universal.

Sóror Juana Inés de La Cruz

No século XVII ela reaparece no cenário do mundo, para mais uma vida dedicada ao Bem. Renasce em 1651 na pequenina San Miguel Nepantla, a uns oitenta quilômetros da cidade do México, com o nome de *Juana de Asbaje y Ramirez de Santillana*, filha de pai basco e mãe indígena.

Após 3 anos de idade, fascinada pelas letras, ao ver sua irmã aprender a ler e escrever, engana a professora e diz-lhe que sua mãe mandara pedir-lhe que a alfabetizasse. A mestra, acostumada com a precocidade da criança, que já respondia às perguntas que a irmã ignorava, passa a ensinar-lhe as primeiras letras.

Começou a fazer versos aos 5 anos. Aos 6 anos, Juana dominava perfeitamente o idioma pátrio, além de possuir habilidades para costura e outros afazeres comuns às mulheres da época.

Soube que existia no México uma Universidade e empolgou-se com a ideia de no futuro, poder aprender mais e mais entre os doutores. Em conversa com o pai, confidenciou suas perspectivas para o futuro. Dom Manuel, como um bom espanhol, riu-se e disse gracejando:

— *Só se você se vestir de homem, porque lá só os rapazes ricos podem estudar.”*

Juana ficou surpresa com a novidade, e logo correu à sua mãe solicitando insistentemente que a vestisse de homem desde já, pois não queria, em hipótese alguma, ficar fora da Universidade.

Na Capital, aos 12 anos, Juana aprendeu latim em 20 aulas, e português, sozinha. Além disso, falava nahuatl, uma língua indígena.

O Marquês de Mancera, querendo criar uma corte brilhante, na tradição europeia, convidou a menina-prodígio de 13 anos para dama de companhia de sua mulher.

Na Corte encantou a todos com sua beleza, inteligência e graciosidade, tornando-se conhecida e admirada pelas suas poesias, seus ensaios e peças bem-humoradas. Um dia, o Vice-rei resolveu testar os conhecimentos da vivaz menina e reuniu 40 especialistas da Universidade do México para interrogá-la sobre os mais diversos assuntos. A platéia assistiu, pasmada, àquela jovem de 15 anos responder, durante horas, ao bombardeio das perguntas dos professores. E tanto a platéia como os próprios especialistas aplaudiram-na, ao final, ficando satisfeito o Vice-rei.

Mas, a sua sede de saber era mais forte que a ilusão de prosseguir brilhando na Corte. A fim de se dedicar mais aos seus estudos e penetrar com profundidade no seu mundo interior, numa busca incessante de união com o divino, ansiosa por compreender Deus através de sua criação, resolveu ingressar no Convento das Carmelitas Descalças, aos 16 anos de idade.

Desacostumada com a rigidez ascética, adoeceu e retornou à Corte. Seguindo orientação de seu confessor, foi para a Ordem de São Jerônimo da Conceição, que tem menos obrigações religiosas, podendo dedicar-se às letras e à ciência. Tomou o nome de **Sóror Juana Inés de La Cruz**.

Na sua confortável cela, cercada por inúmeros livros, globos terrestres, instrumentos musicais e científicos, Juana estudava, escrevia seus poemas, ensaios, dramas, peças religiosas, cantos de Natal e música sacra. Era frequentemente visitada por intelectuais europeus e do Novo Mundo, intercambiando conhecimentos e experiências.

A linda monja era conhecida e admirada por todos, sendo os seus escritos popularizados não só entre os religiosos, como também entre os estudantes e mestres das Universidades de vários lugares. Era conhecida como a “Monja da Biblioteca”.

Imortalizou-se também por defender o direito da mulher de ser inteligente, capaz de lecionar e pregar livremente.

Em 1695 houve uma epidemia de peste na região. Juana socorreu durante o dia e a noite as suas irmãs religiosas que, juntamente com a maioria da população, estavam enfermas. Foram morrendo, aos poucos, uma a uma das suas assistidas e quando não restava mais religiosas, ela, abatida e doente, tombou vencida, aos 44 anos de idade.

Sóror Joana Angélica de Jesus

Passados 66 anos do seu regresso à Pátria Espiritual, retornou, agora na cidade de Salvador na Bahia, em 1761, como **Joana Angélica**, filha de uma abastada família.

Aos 21 anos de idade ingressou no Convento da Lapa, como franciscana, com o nome de **Sóror Joana Angélica de Jesus**, fazendo profissão de Irmã das Religiosas Reformadas de Nossa Senhora da Conceição.

Foi irmã, escritã e vigária, quando, em 1815, tornou-se Abadessa e, no dia 20 de fevereiro de 1822, defendendo corajosamente o Convento, a casa do Cristo, assim como a honra das jovens que ali moravam, foi assassinada por soldados que lutavam contra a Independência do Brasil.

Nos planos divinos, já havia uma programação para esta sua vida ao Brasil, desde antes, quando reencarnara no México como Sóror Juana Inés de La Cruz. Daí, sua extrema facilidade para aprender português. É que, nas terras brasileiras, estavam reencarnados, e reencarnariam brevemente, Espíritos ligados a ela, almas comprometidas com a Lei Divina, que faziam parte de sua família espiritual e aos quais desejava auxiliar.

Dentre esses afeiçoados a **Joana de Ângelis**, destacamos Amélia Rodrigues, educadora, poetisa, romancista, dramaturga, oradora e contista que viveu no fim do século passado ao início deste.

Joanna na Espiritualidade

Quando, na metade do século passado (o autor se refere ao século XIX), “as potências do Céu” se abalaram, e um movimento de renovação se alastrou pela América e pela Europa, fazendo soar aos “quatro cantos” a canção da esperança com a revelação da vida imortal, **Joana de Ângelis** integrou a equipe do Espírito de Verdade para o trabalho de implantação do Cristianismo redivivo, do Consolador prometido por Jesus. E ela, no livro “*Após a Tempestade*”, em sua última mensagem, referindo-se aos componentes de sua equipe de trabalho diz:

“Quando se preparavam os dias da Codificação Espiritiva, quando se convocavam trabalhadores dispostos à luta, quando se anunciavam as horas previstas, quando se arrematavam seareiros para Terra, escutamos o convite celeste

e nos apressamos a oferecer nossas parcas forças, quanto nós mesmos, a fim de servir, na ínfima condição de sulcadores do solo onde deveriam cair as sementes de luz do Evangelho do Reino.”

Em “*O Evangelho Segundo o Espiritismo*” vamos encontrar duas mensagens assinadas por “Um Espírito amigo”. A primeira, no capítulo IX – item 7, com o título “*A Paciência*”, escrita em Le Havre, França, em 1862. A segunda no capítulo XVIII – itens 13 e 15, intitulada “*Dar-se-á àquele que tem*”, psicografada no mesmo ano que a anterior, na cidade de Bordeaux. Se observarmos bem, veremos a mesma Joanna que nos escreve hoje, ditando no passado uma bela página, como o modelo das nossas atitudes, em qualquer situação. No mundo Espiritual, Joanna estagia numa bonita região, próxima da Crosta terrestre.

Quando vários Espíritos ligados a ela, antigos cristãos equivocados se preparavam para reencarnar, reuniu a todos e planejou construir na Terra, sob o céu da Bahia no Brasil, uma cópia, embora imperfeita, da Comunidade onde estagiava no Plano Espiritual, com o objetivo de, redimindo os antigos cristãos, criar uma experiência educativa que demonstrasse a viabilidade de se viver numa comunidade, realmente cristã, nos dias atuais. Espíritos gravemente enfermos, não necessariamente vinculados aos seus orientadores encarnados, viriam na condições de órfãos, proporcionando oportunidade de burilamento, ao tempo em que, eles próprios, se iriam liberando das injunções cármicas mais dolorosas e avançando na direção de Jesus.

Engenheiros capacitados foram convidados para traçarem os contornos gerais dos trabalhos e instruírem os pioneiros da futura Obra.

Quando estava tudo esboçado, Joanna procurou entrar em contato com Francisco de Assis, solicitando que examinasse os seus planos e auxiliasse na concretização dos mesmos, no Plano Material.

O “Pobrezinho de Deus” concordou com a Mentora e se prontificou a colaborar com a Obra, desde que “nessa Comunidade jamais fosse olvidado o amor aos infelizes do mundo, ou negada a Caridade aos “filhos do Calvário”.

Quase um século foi passado, quando os obreiros do Senhor iniciaram na Terra, em 1947, a materialização dos planos de Joanna, que inspirava e orientava, secundada por Técnicos Espirituais dedicados que espalhavam ozônio especial pela psicofera conturbada da região escolhida, onde seria construída a “Mansão do Caminho”, nome dado à alusão à “Casa do Caminho” dos primeiros cristãos.

Nesse ínterim, os colaboradores foram reencarnando, em lugares diversos, em épocas diferentes, com instrução variada e experiências diversificadas para, aos poucos, e quando necessário, serem “chamados” para atender aos compromissos assumidos na espiritualidade. Nem todos, porém, residiriam na Comunidade, mas, de onde se encontrassem, enviariam a sua ajuda, estenderiam a mensagem evangélica, solidários e vigilantes, ligados ao trabalho comum.

A Instituição crescendo sempre comprometida a assistir os sofredores da Terra, os tombados nas provações, os que se encontram a um passo da loucura e do suicídio.

Graças às atividades desenvolvidas, tanto no plano material como no plano espiritual, com a terapia de emergência a recém-desencarnados e atendimentos especiais, a “Mansão do Caminho” adquiriu uma vibração de espiritualidade que suplanta humanas vibrações dos que ali residem e colaboram.

Referência bibliográfica:

FRANCO, Divaldo Pereira e SANTOS, Celeste, **A veneranda Joanna de Ângelis**, 7ª Edição, LEAL 2015.

■

Mensagem de Emmanuel sobre o carnaval

Nenhum espírito equilibrado em face do bom senso, que deve presidir a existência das criaturas, pode fazer a apologia da loucura generalizada que adormece as consciências, nas festas carnavalescas.

É lamentável que, na época atual, quando os conhecimentos novos felicitam a mentalidade humana, fornecendo-lhe a chave maravilhosa dos seus elevados destinos, descerrando-lhe as belezas e os objetivos sagrados da Vida, se verifiquem excessos dessa natureza entre as sociedades que se pavoneiam com o título de civilização.

Enquanto os trabalhos e as dores abençoadas, geralmente incompreendidos pelos homens, lhes burilam o caráter e os sentimentos, prodigalizando-lhes os benefícios inapreciáveis do progresso espiritual, a licenciosidade desses dias prejudiciais opera, nas almas indecisas e necessitadas do amparo moral dos outros espíritos mais esclarecidos, a revivescência de animalidades que só os longos aprendizados fazem desaparecer.

Há nesses momentos de indisciplina sentimental o largo acesso das forças da treva nos corações e, às vezes, toda uma existência não basta para realizar os reparos precisos de uma hora de insânia e de esquecimento do dever.

Enquanto há miseráveis que estendem as mãos súplis, cheios de necessidade e de fome, sobram as fartas contribuições para que os salões se enfeitem e se intensifiquem o olvido de obrigações sagradas por parte das almas cuja evolução depende do cumprimento austero dos deveres sociais e divinos.

Ação altamente meritória seria a de empregar todas as verbas consumidas em semelhantes festejos, na assistência social aos necessitados de um pão e de um carinho.

Ao lado dos mascarados da pseudo alegria, passam os leprosos, os cegos, as crianças abandonadas, as mães aflitas e sofredoras. Por que protelar essa ação necessária das forças conjuntas dos que se preocupam com os problemas nobres da vida, a fim de que se transforme o supérfluo na migalha abençoada de pão e de carinho que será a esperança dos que choram e sofrem?

Que os nossos irmãos espíritas compreendam semelhantes objetivos de nossas despreziosas opiniões, colaborando conosco, dentro das suas possibilidades, para que possamos reconstruir e reedificar os costumes para o bem de todas as almas.

É incontestável que a sociedade pode, com o seu livre-arbítrio coletivo, exibir superfluidades e luxos nababescos, mas, enquanto houver um mendigo abandonado junto de seu fastígio e de sua grandeza, ela só poderá fornecer com

isso um eloquente atestado de sua miséria moral.

Emmanuel

Psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier em julho de 1939 / Revista Internacional de Espiritismo, Janeiro de 2001.

Alma livre

Cruz e Souza

Um soluço divino de alegria
Percorre a todo Espírito liberto
Das pesadas cadeias do deserto,
Desse mundo de sombra e de agonia.

A alma livre contempla o novo dia,
Longe das dores do passado incerto,
Mergulhada no esplêndido concerto
De outros mundos, que a luz acaricia!

Alma liberta, redimida e pura,
Vê a aurora depois da noite escura,
Numa visão mirífica, superna...

Penetra o mundo da imortalidade,
Entre canções de luz e liberdade,
Forçando as portas da Beleza Eterna.

Fonte: Espíritos Diversos, Parnaso de Além-túmulo, página 356, 19ª edição, 2010, editora FEB – BR.

Mensagem

A cada um segundo suas obras.

Eis um ensinamento que todos nós conhecemos e que, deliberadamente, esquecemos de colocar em nossa vida, de meditar na sua profundidade.

A liberdade de ação e de pensar não nos tira a responsabilidade de arcar com as consequências, às quais, mais tarde ou mais cedo, teremos de encarar.

Cada um sabe dos seus pontos fracos, a vida nos mostra diuturnamente.

Falta-nos a coragem de assumir as falhas e deficiências, buscando a reação necessária para modificar a situação em que nos encontramos.

O imediatismo é da matéria. O espírito sabe que a caminhada evolutiva é longa e não deve desanimar, esmorecer.

Confiemos em Deus,

Sejamos pródigos no amor, na caridade e superaremos os obstáculos ao crescimento e à felicidade.

Espitirinhas

Wilton Pontes



410 - MANIFESTAÇÕES ESPÍRITAS (L.M.)

(L.M. = Livro dos Médiuns)